



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS, CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS



O Antropoceno A Nova Era do Homem

Pensando no Antropocentrismo, a cosmovisão centrada no homem, antropos em grego, estudiosos falam agora do Antropoceno, a era geológica do homem, pois foram sociedades paternalistas e economias capitalistas, baseadas na ação masculina, que nos conduziram a esta nova era.

Contudo, a crescente participação feminina na esfera pública, na produção e no consumo, leva a que a mulher tenha, hoje, maior responsabilização no desenrolar dos problemas e na procura de soluções.

Proposto em 2002 pelo Prémio Nobel da Química, Paul Crutzen, o termo Antropoceno refere o período desde 1950, quando o impacto humano sobre a biosfera – o reino dos seres vivos – tem aumentado muito.

Num escasso meio século, são várias as causas e os efeitos, que depois se relacionam entre si, causando mais problemas. Extremamente nefasta tem sido a queima de combustíveis fósseis, levando ao aquecimento gradual da atmosfera do planeta, com concentrações elevadas de dióxido de carbono, metano e ozono.

Nos oceanos, os níveis de acidificação aumentam e os recursos piscatórios diminuem. Em terra, as florestas tropicais, pulmões da Natureza, vão desaparecendo enquanto a população mundial cresce, o lixo aumenta, e o turismo e outras atividades humanas sobrecarregam o planeta.

Em termos geológicos, o legado da espécie é já bem visível no mundo. Os micro plásticos fazem parte do sedimento, na terra e no mar. Terá sido um meteorito que pôs fim à era dos dinossauros. No Antropoceno, a ameaça é, pela primeira vez, uma espécie. ♦

Mulheres que fazem História

Em Abril assinalado pelo fim da ditadura que em Portugal tanto amarrou a Liberdade do país, dos homens e das mulheres, damos início à rubrica “Janela sobre o Passado”

ROSA NEVES SIMAS

Neste mês de Abril, tempo de primavera e renovação da Natureza, esta página também se renova com uma nova rubrica, uma “Janela sobre o Passado” da autoria da colega universitária e historiadora Susana Serpa Silva, a quem agradecemos o entusiasmo e empenho com que aceitou o nosso convite.

Mas enquanto a vida se renova e prossegue, também fez história, neste mês de Abril, outra professora universitária. Refiro-me a Maria Helena Rocha Pereira, cuja vida marcou a história de uma forma que não podemos nem devemos esquecer. Pois é essencial conhecer a história, o passado, para perceber o presente e vislumbrar o futuro.

Por isso, numa altura em que professoras universitárias, mulheres doutoradas, fazem parte do nosso dia-a-dia e ninguém pensa no assunto, convém lembrar que esta realidade é MUITO recente e que, em Portugal, foi a Professora Maria Helena de o primeiro passo nesse sentido.

Pois a verdade é que, desde os primórdios e durante séculos, o



Maria Helena Rocha Pereira marcou uma época e fez História

ensino, a todos os níveis, incluindo o superior, foi negado ao sexo feminino. Assim, em 1290, a Universidade de Coimbra, a segunda universidade mais antiga da Europa, foi fundada exclusivamente para homens, prática comum e que se tornou secular.

Mas foi na centenária academia coimbrã que Maria Helena fez história. Conseguiu licenciar-se em Estudos Clássicos e, em 1956, foi a primeira mulher doutorada pela Universidade de Coimbra. Numa entrevista ao Diário de Notícias, lembrou o momento assim: Tenho muito

gosto em tê-lo feito. O meu doutoramento foi o primeiro de uma senhora numa universidade que tinha 666 anos na altura. Eu queria atingir essa meta, indispensável para poder continuar e para ensinar. Gosto muito de ensinar.

Publicou mais de 300 livros e artigos, em Portugal e no estrangeiro, incluindo Estudos sobre a Grécia Antiga e Estudos de História da Cultura Clássica.

Aos 91 faleceu, no passado dia 10 de Abril, Maria Helena Rocha Pereira, mulher notável que marcou uma época e fez história. ♦



Abril de 2017

Janela sobre o passado...

SUSANA SERPA SILVA
susana.pf.silva@uac.pt

Entre 2014 e 2018 decorre o centenário da I Guerra Mundial, em que Portugal participou, como país beligerante. Foi um dos acontecimentos mais marcantes do século XX e que, naturalmente, afetou homens e mulheres. Tendo em conta os antecedentes, a vivência e as consequências da Grande Guerra, partilharemos convosco, neste espaço, durante 2017, algumas notas sobre os papéis femininos neste período da História.

A fase que antecedeu a contenda é designada, por muitos historiadores, como a “Idade

dos Impérios”. As grandes potências europeias rivalizavam entre si, tentando consolidar o seu poder e hegemonia sobre o novo mundo.

Apesar de serem anos promissores, em virtude da gradual afirmação da classe média e graças aos avanços científicos e ao progresso proporcionado pelo automóvel, pelo cinema ou pelos primeiros voos dos irmãos Wright, na realidade, os sinais de tensão social e de rutura do equilíbrio internacional eram, por demais, evidentes. Violência, greves, escândalos, regicídios e outras tragédias avolumavam a instabilidade e as

certezas, dos mais pessimistas ou realistas, de que estava próxima uma guerra.

Por outro lado, as próprias sociedades apresentavam transformações que os setores mais conservadores temiam. Uma delas assentava na ideia de que o modelo tradicional de família estava em declínio, devido ao desenvolvimento da sociedade industrial e urbana, que motivara o crescimento da mão de obra feminina, assim como o aparecimento de movimentos organizados de mulheres. Prevalcia o peso do preconceito ou avolumavam-se sinais de incompreendida modernidade? ♦

